

Em primeiro lugar, é preciso levar em conta os termos em que, nessa obra, a estética psicanalítica se diferencia de qualquer outro discurso sobre a estética e se associa à abordagem de uma dimensão ética do desejo. A autora encontra fundamento para uma estética no *Das Unheimliche* de Freud, ou *Estranheza inquietante*, segundo a tradução que adota. Tanto esse fundamento, quanto aqueles, extraídos de *O mal-estar na cultura* e de outros textos, para a explicitação da ética, são encontrados a partir de uma leitura específica. A especificidade consiste na utilização de conceitos que só se revelam à medida que o leitor se familiariza com sua elucidação lacaniana. Na primeira parte, denominada *Quatro conceitos fundamentais para a problemática da estética e da ética em psicanálise*, Maria Inês França introduz as contribuições de Lacan, integrando-as nas teorias de Freud por meio dos conceitos de angústia, pulsão, narcisismo e desejo.

De volta à tragédia do desejo

Resenha de Maria Inês França, Psicanálise, Estética e Ética do Desejo, São Paulo, Perspectiva, 1997

A função desses não conceitos não é apenas a de dar coerência e alcance à teoria desenvolvida no texto. Circunscrevem e investigam as problemáticas estética e ética. Mas também podemos neles reconhecer respostas a uma questão, de há muito colocada para os desenvolvimentos lacanianos da teoria psicanalítica. Trata-se da pergunta sobre as condições da noção de *significante*, tal como é adotada por Lacan, para dar conta do *afeto*. Maria Inês França mostra uma visão da linguagem suficientemente ampla para incluir o campo das intensidades e, portanto, o do *afeto*.

O conceito de *indizível angústia* abrange concepções de uma energia sexual sem elaboração ou de elaboração problemática, já presentes, respectivamente, nas descrições freudianas de neuroses atuais e de neuroses de transferência. Uma das conceituações iniciais dessa energia estaria já indicada por Freud, numa primeira teoria da angústia. A autora salienta que está relacionada com as idéias freudianas de *intensidade psíquica* e de *investimento*

(Besetzung). Seu conceito de *angústia* valoriza a concepção econômica do aparelho psíquico. Articulado com a idéia de energia, visa dar conta do momento do *afeto* sem deixar de lado as implicações da noção de *significante* em psicanálise.

Assinalemos que o *significante* é o ponto de interseção de uma cadeia lingüística composta por relações diferenciais segundo uma ordem codificadora. A rede de significantes é inseparável da concepção de inconsciente estruturado como linguagem. Vale então destacar, dentre as concepções revistas nesse livro, a de retenção de energia como aquilo que leva o aparelho psíquico a se constituir como um aparelho de memória. Segundo o *Projeto*, a memória se constituiria a partir da diferença en-

tre *trilhamentos*. Estes, por sua vez ocorreriam a partir de certas intensidades. Mostrando a relação entre as noções indicadas e a de *trilhamento* (Bahnung), a autora sintetiza seu ponto de vista: "Para Freud, o trilhamento ocorre a partir de uma certa intensidade, o que quer dizer que as concepções de diferença e de intensidade se relacionam intimamente" (p. 7). Desde o *Projeto*, estaria colocada a idéia de que se estabelecem trilhas entre os neurônios que, uma vez abertas, tornar-se-iam as vias de escoamento de energia predominantes, já caracterizadas, por uma "preferência pela repetição", ressaltada pela autora. Tal preferência facilita sua reinterpretação da noção de *Bahnung*, permitindo-lhe entender "uma trama de trilhamentos" também como "uma rede de significantes" (p. 8).

Ao reinterpretar, essa investigação amplia o alcance do conceito de *angústia*. Com efeito, Maria Inês França parte de pressupostos como os enunciados acima, para se referir ao *sem linguagem* que surge com o *afeto angústia*. Entende que para falar de estética em psicanálise é preciso falar de um *corpo-linguagem*. Procuremos sugerir o desenvolvimento dessa idéia. A linguagem constitui-se na relação com outrem. Tratando-se da linguagem do desejo segundo Lacan, deve-se entendê-la em conformidade com o "princípio da alteridade". Esse princípio encontra-se na con-

cepção do inconsciente como linguagem, linguagem que vem a ser juntamente com o Outro e para o Outro. Lembremos, sucintamente, que o Outro é constituído pelos significantes que estruturam o inconsciente e é também estrutura constituinte do sujeito.

A fórmula “o inconsciente é o discurso do Outro” é posta pela autora a trabalhar até o esclarecimento do que concebe como “corpo-linguagem do desejo”, rastreado no percurso clínico freudiano. Este se iniciaria no momento em que Freud, na clínica das histéricas, ter-se-ia deparado com uma “lógica do sacrifício do corpo”. Desde então, iria tomando forma uma concepção de corpo diferenciada da concepção biológica da qual a medicina se teria apropriado. Nos termos da análise lacaniana desenvolvida, “o corpo é habitado pela linguagem do desejo. É uma linguagem carregada de símbolos, de imagens e de afetos.” (p. 116). Assim, a descoberta freudiana de uma sexualidade traumática, explicitada no caso Dora, seria a de um corpo submetido a influências e impressões “com alor de trauma sexual”. Assim, um corpo “em desordem, desde os primórdios da psicanálise” teria feito com que “o analista Freud pudesse escutar algo que transborda, que irrompe e que mostra um corpo assujeitado ao real sexual traumático”(p. 119). Já em relação ao caso Dora, Freud teria visto na intensa ativação de uma zona erógena a ocasião para posteriormente se estabelecer a “complacên-

cia somática”, isto é, a submissão do corpo à manifestação de conflitos inconscientes e desejos recalçados. A concepção de uma tal complacência estaria relacionada com a de investimento narcísico do corpo, condição também da possibilidade de expressão. Por outro lado, a impressão intensa da experiência de satisfação no corpo erógeno faria dele um corpo-linguagem do desejo, que expressa a fantasia e abriga o sintoma. Desse modo, torna-se possível falar de um “corpo-símbolo”, “lugar de impressão/expressão do desejo do Outro”(p. 119).

A relação entre esse corpo e o campo estético, o dos estranhos dizeres do desejo, “que estão na fronteira da emoção e das imagens” é estabelecida gradualmente pela autora. É indispensável, para suas conclusões, a idéia de que “a complacência somática tem o valor de condição de possibilidade para a criação da fantasia, da estrutura de ficção” (p. 119).

A angústia é tomada como “um representante paradigmático do afeto” (p.166). Relativamente estruturada nessa espécie de registro simbólico corporal, é aproximada da dor, na medida em que é determinada por um *quantum* energético penoso que tende ao escoamento. Segundo a distinção feita pela autora, “o estado de desprazer acompanhado de uma tendência à des-

carga não é propriamente a dor, mas se assemelha a ela e Freud vai chamar este estado de ‘afeto’. A indizível angústia é sinal da dor de ausência de objeto, ou ainda, sinal da dor da incompletude” (p. 12).

Vamos acompanhando um desvendamento fenomenológico do *afeto angústia*, que é posto pela autora como fundamento de teses que desenvolve. Vale determo-nos em seu modo de se referir à angústia como um efeito do desejo, que surge “no lugar de um nada absoluto”. Se, por um lado, é utilizado nessa abordagem, o resultado da inspiração lacaniana em Saussure, por outro, seu estilo descritivo sugere o quanto Maria Inês França vai entremeando sua leitura de Freud com certa filosofia francesa, refletida e renegada por Lacan. A escolha do entendimento de *Angst* (medo ou angústia) como *angústia* e o vocabulário exemplificado, inevitavelmente, evocam a atmosfera sartriana, na qual a realidade humana se caracteriza por abrigar o *nada*, que se revela na *angústia*. Com efeito, antes de Lacan, Sartre escreveu: “Que a realidade humana seja falta (*manque*), a existência do desejo, como fato humano, seria suficiente para prová-lo.” (1)

Entretanto, para além dos ecos do confronto lacaniano com a filosofia chamada existencialista (2), a *indizível angústia*, é um dos conceitos indispensáveis para essa visão de uma problemática estética e ética da psicanálise porque é a manifestação inquietante do pulsional como aquilo que deixa o sujeito sem palavra. Em *Das Unheimliche*, é algo que revela a falha estrutural do sujeito, “o amálgama pulsional entre Eros e Tânatos, a privação de sentido diante da au-

sência de objeto” (p. 145). A autora retoma a definição de estética feita por Freud, nesse texto, como “a teoria das qualidades do sentir”. Privilegia, na sua leitura, “a unidade do estádio do espelho”.

Para Lacan, a constituição do Eu passa pela vivência da imagem do corpo e a retomada, em termos precisos, da teoria da fase do espelho é imprescindível para a relação entre estética e ficção estabelecida por esse livro. Agora, podemos apenas indicá-la. A experiência do espelho consiste em uma apreensão da forma do próprio corpo como exterior. Esta se dá em uma época em que não há maturação para a aquisição de um esquema corporal. A imagem do corpo é uma antecipação imaginária. A criança relaciona-se com o próprio corpo no imaginário. Retomando essa temática, a autora esclarece: “É na imagem especular que o sujeito se percebe um outro e toma o outro como se fosse eu. Lacan vai apresentar essa relação do eu com o outro no estádio do espelho, como um drama onde se estabelece uma identificação imaginária. O espelho é o protótipo do registro do imaginário, pois se trata de uma questão de identificação a partir da imagem do outro.” (p. 70 - 80)

Lembremos que o texto de Freud, *A Estranheza inquietante*, é tramado a partir da leitura, de *O homem da areia*, de Hoffmann. Depois de se referir ao talento desse autor para produzir, na criação literária, o efeito *unheimlich* (cujas traduções mais conhecidas, provavelmente, são: *ominoso, sinistro, de estranheza inquietante e estranho familiar*). Freud observa que o exemplo mais intenso do sentimento do *ominoso* diante do Homem da Areia, é “a representação de ser despojado de olhos”. Lembremos também que O Homem da Areia viria fechar os olhos de Nathanael quando a mãe o mandava cedo para a cama. Na sequência do conto, vai desfilando uma série de *duplos* dessa personagem.

A relação do *duplo* com o espelho, já investigada por Otto Rank, é citada por Freud (3). A leitura de *Das Unheimliche* feita por Maria Inês França valoriza o “enigma da semelhança”, que permite a Freud construir uma espaço de ficção ligado ao *afeto angústia*, associado à vivência do ausentar-se da imagem (“queda de imagem”) que faz emergir o indeterminado e sem objeto (p. 133). O fenômeno do *estranho familiar* caracterizar-se-ia pelo *confusionamento* e pelo *lapso de imagem*. Para a autora, a ausência da forma do objeto do desejo é ausência de representação do próprio sujeito (*sujeito lapsado*), revelação do angustiante vazio de ser e da nudez narcísica. O *lapso de imagem* é um acontecimento psíquico marcado pela estranheza inquietante e revelador do desejo inconsciente; tem, assim, a função de indicar o Belo e o Horrível: “Se o imaginário encobre a falta para enganar o desejo e a morte, no lapso de imagem surge o efeito da conjugação de Eros e de Tânatos” (p. 84).

Apoiada no texto sobre o *unheimlich*, Maria Inês França sugere a experiência do sujeito onde a destruição do ser é entrevista juntamente com a presença do real inacessível: “Queremos dizer que, quando o imaginário falha no *lapso de imagem*, a angústia, como afeto indeterminado e sem objeto, é suscitada, o que revela o desamparo do sujeito diante da ameaça de destruição do ser.”

(p. 135). Um dos pontos de interligação, da estética e da ética por ela apresentadas, pode ser situado na releitura de textos estéticos de Freud, que tratariam de “dar corpo às fantasias” (p. 137), e de *Mal-estar na civilização*. Nesta obra, o Belo, derivado “do campo dos efeitos sexuais”, é considerado enquanto “efeito sublimatório”. Mas, para além da referência a Freud, quando acompanhamos a trajetória argumentativa da autora, entendemos que a sublimação é insuficiente para afastar a terribilidade do Belo. A fruição e a criação estéticas ocorrem no âmbito da cultura e o mantém. Mas este é gerado, juntamente com os imperativos da ética, por um interdito que é, ele mesmo, efeito de uma violência erótica. Para esse pensamento psicanalítico, a aventura do desejo produz os fundamentos da estética do sinistro e da ética da tragédia. O campo da estética não é o do Belo ideal, mas o do vislumbre do *real*.

Para acompanharmos melhor algumas outras ilações das teses que compõem esse livro, recordemos ainda a diferenciação lacaniana entre imaginário, simbólico e real. O imaginário é o registro que se refere à dimensão de manifestação do ego e do narcisismo. Dá-se no campo das imagens que são a base da fundação do estádio do espelho e das identificações. Mas o imaginário não é isolado da cadeia simbólica. O simbólico diz respeito à dimensão caracterizada pelo acesso à palavra, marcada pela interdição do incesto e condição da constituição do sujeito. O real tem definição negativa, pois é o registro que não pode ser simbolizado, é o fora da linguagem. O *real* não é acessível a uma palavra que o abarque e defina. Talvez nós, leitores, possamos supor que sua aura se manifeste em algo repetido nos trilhamentos dos afetos. A escrita da autora faz-nos vislumbrar as pulsões, no destino da mórbida submissão do sujeito à lei moral que preside o prazer no sofrimento. Traz o retorno mítico da agressividade voltada contra o próprio sujeito.

A dimensão trágica do desejo também é retomada no discurso lacaniano sobre o ato de Antígona. Dominada pelo desejo de dar nome ao cadáver do irmão, a ação da heroína “se dá em nome do ‘não poder significar’”. Na tragédia, exemplificam-se o *imperativo erótico* e o *imperativo simbólico* presentes no desejo.

O estudo de que tratamos pretende “apresentar a estética do desejo alicerçada no pensamento teórico-prático da psicanálise, demonstrando a função do Belo como uma problemática que traz a intrusão

do imaginário no simbólico pela via da fratura do ser, fratura esta que é a ante-sala, o espaço aberto que deixa entrever a destruição do ser, referida ao real inacessível." (p. 132). Tudo leva a crer que a *fratura* diz respeito à cisão do sujeito, constituído pelo simbólico, e à sua falta de recursos para revelar o ser; é aí que o significante falha. Comprovar-se-ia, nesse desamparo, a insuficiência do simbólico para recobrir o real. O imaginário, assomando, tentaria mascarar o nada ou descobrir o oculto.

Retomando o texto sobre a *estranheza inquietante*, ressaltamos que é nele que a autora situa "a construção de um espaço de ficção a partir do indeterminado e do sem objeto, próprios do afeto angústia. Este espaço de ficção, onde se situa o valor do Belo, abriga a inquietante estranheza de tudo aquilo que deveria permanecer secreto e oculto, mas que vem à luz." (p. 147). Em termos estritamente freudianos, lembremos que "o destinado a permanecer oculto" é "algo de há muito familiar para a vida anímica, mas dela afastado pela repressão" (4).

Tanto quanto o *estranhamente familiar* vai servindo de pedra de toque para a exploração de uma estética, é a revelação do *mal estar* ou da *infelicidade* que demarca, nesse estudo, a perspectiva psicanalítica sobre a ética. Um dos eixos argumentativos traça a gênese da submissão do sujeito às leis morais, iniciando-se no mito de *Totem e Tabu*, passando pelas duas formulações do dualismo pulsional - *Pulsões*

e *destinos de pulsão* (1915) e *O problema econômico do masoquismo* (1920) - e culminando em *Uma criança é espancada* (1919). Localiza a origem da tirania superegóica relacionada ao traumático, fundamentando a concepção de uma *violência simbólica* (p. 18). O erotismo invasor do Outro é causa de um trauma originário. Assim, a fantasia incestuosa, transformada pela ação do recalque em fantasia masoquista, como expressão de culpa, é também "expressão de uma ambivalência originária".

O objeto do desejo está separado do *bem*, concebido por toda e qualquer moral. Essa diferenciação aqui recortada, certamente não dá conta dos argumentos que se entrelaçam na alentada rede de teses composta pela autora. Mas cumpre notar, pelo menos, que ela é assertiva a respeito de um elo indissociável entre o desejo e a pulsão de morte, nos sentidos destrutivo, masoquista e sádico que atribui a esta. "O mal é o gozo" porque há "um impulso originário em direção à destruição identificada como potência de satisfazer plenamente" (p. 181). As problemáticas estética e ética são apresentadas como faces complementares no campo aberto pela "colisão pulsional de Eros e Tânatos" (p.184). A teoria do

Belo (e do Horrível), inspira-se sobretudo nas leituras de Édipo, Antígona e Hamlet feitas por Lacan, que privilegiam "o caráter trágico do desejo" (p.167). Mas é, no *Seminário sobre a Ética*, que Maria Inês França encontra a descrição do efeito-surpresa, acompanhado de angústia intensa, onde o Belo "indica a relação com a morte na resplandescência" (p. 133).

A problemática ética da psicanálise é permeada pelo poderio do Supereu tirânico, personagem que emite o imperativo do gozo. A fatalidade do imperativo transgressor não deixa de fazer lembrar um Lacan leitor de Bataille, seu conhecido contemporâneo, um dos grandes criadores da literatura liberta do Belo e do Bem. Sejam quais forem as evocações estéticas de nossa memória de leitores, encontramos nesse livro uma contribuição inegável para a superação de obstáculos da teoria psicanalítica lacaniana. Conquistada conceitualmente a esfera das intensidades, sua trama teórica vai dando fundamento a "um além do princípio do prazer e da representação de objeto" (p.181). Percorrendo postulados dos *Seminários* de Lacan, somos levados a entrever a fatalidade do desejo, o mal-estar a ele inerente, e a "intensificação demoníaca" dos processos psíquicos, causada pela circulação do excesso pulsional.

Notas

1. J.-P. Sartre, *L'Être et le Néant*, Paris, Gallimard, 1960, p.130.
2. Engenhosamente, Lacan refere-se a uma "falha do significante para revelar o ser" e comenta: "Diante dessa falta de ser, o sujeito carece de recursos (*Hilfflos*, escreve Freud); e Freud faz consistir a experiência do trauma essencialmente nessa *Hilfflosigkeit* que traduzimos por perigo (*détresse*). Como se sabe, na concepção freudiana que se diferencia das experiências existencialistas da angústia como presença do nada, a angústia deve ser situada no eu: é um sinal que já constitui uma certa resposta, é expressão e pede socorro. Pode-se pensar, como a clínica o mostra, que o desejo representa um papel homólogo." (tradução modificada) - J. Lacan, *Las Formaciones del Inconsciente*, Buenos Aires, Nueva Visión, 1976, p.138.
3. "O motivo do 'duplo' foi estudado a fundo por O. Rank em um trabalho que leva esse título. Nele se indaga a respeito dos vínculos do duplo com a própria imagem vista no espelho e com a sombra, o espírito tutelar, a doutrina da alma e o medo da morte, mas também se lança viva luz sobre a surpreendente história da gênese desse motivo. Com efeito, o duplo foi em sua origem uma garantia contra o sepultamento do eu, um 'enérgico desmentido' (*Dementierung*) do poder da morte" (O.Rank), e é provável que a alma 'imortal' tenha sido o primeiro duplo do corpo." - Freud, S., *O Ominoso*, in XVII, *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, 1994, p. 234-235.
4. Op cit., p. 241.

Camila Salles Gonçalves
é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, doutora em filosofia pela USP, autora de *Desilusão e história na psicanálise de J.-P. Sartre*.